

*Há entre nós feiticeiros e feiticeiras,
mas ninguém sabe quem eles são.*

— ARIOSTO

«Lindo serviço!» — pensou o jovem Andreas von Ferschengelder quando o barqueiro, naquele dia 12 de Setembro de 1778, lhe largou a mala nos degraus de pedra e se afastou de novo na barca. «Isto está a ficar bonito... deixar-me aqui sem mais nem menos. Carruagem, em Veneza não há, que eu bem o sei. Moço de fretes? Que poderia ele andar a fazer por estas bandas, num recanto ermo como este, um verdadeiro cu de Judas? É como quem fizesse apeiar da mala-posta, ao bater das seis horas da manhã, nos campos de Rossau ou no meio dos surradores, um passageiro que não conhecesse absolutamente nada de Viena. Eu sei falar a língua, mas que me adianta isso? Mesmo assim, vão fazer de mim o que lhes der na gana! De que forma, digam-me lá, hei-de eu dirigir-me a pessoas totalmente desconhecidas e que estão, neste momento, a dormir metidas em casa? Hei-de eu ir bater-lhes à porta e dizer: meu bom vizinho...?» Demais sabia ele que não o iria fazer. Entretanto, rasgando o silêncio da manhã, ouviram-se passos apressados que ressoavam nítidos nas lajes da rua. Levaram ainda algum tempo a aproximar-se até que de uma ruela surgiu, por fim, um vulto mascarado que se envolveu mais na ca-

pa do dominó que vestia, a segurou com ambas as mãos contra o corpo e avançou na diagonal para atravessar a praça. Andreas deu um passo em frente e saudou-o, o mascarado tirou o chapéu num cumprimento, soltando ao mesmo tempo a mascarilha que a ele estava presa. Era um homem que parecia digno de confiança e que, a julgar pelos seus gestos e pela sua conduta, deveria ser da melhor condição. Andreas queria ser breve, parecia-lhe pouco delicado reter por muito tempo, a hora tão matutina, um cavalheiro que recolhia a sua casa; explicou rapidamente que era forasteiro, acabado de desembarcar, vindo de Viena, por Villach, na Caríntia, e por Görz. Logo lhe pareceu que estava a ser demasiado prolixo e desajeitado ao referir todos os locais por onde passara, ficou embaraçado e atrapalhou-se a falar o seu italiano.

O desconhecido aproximou-se com grande solicitude e disse-lhe que estava ao seu inteiro dispor. Este gesto fez com que a capa se entreabrisse na frente e Andreas viu que o amável senhor vestia por debaixo da mesma apenas uma camisa e tinha calçados sapatos sem fivela e meias até ao joelho, agora caídas e enrodilhadas nos tornozelos, deixando à vista meia barriga da perna. Apressou-se Andreas a pedir ao seu interlocutor que, sendo o ar da manhã tão frio, não perdesse tempo a atendê-lo e prosseguisse o seu caminho para casa; ele haveria certamente de encontrar alguém que lhe indicasse um alojamento ou qualquer pessoa disposta a alugar-lhe uma casa. O mascarado traçou melhor a capa em volta das ancas e assegurou-lhe que não tinha pressa nenhuma. Andreas sentia um constrangimento de morte só de pensar que o outro se dera conta de que ele vira o estranho desalinho do seu traje; a consciência da tolice que cometera ao aludir ao ar frio da manhã causava-lhe um embaraço tal que se sentiu abafar de calor e, involuntariamente, abriu também, por seu turno, a capa de viagem, ao mesmo tempo que o veneziano lhe assegurava, muito cortesmente, que teria o maior prazer em prestar um

serviço a um súbdito da imperatriz e rainha Maria Teresa, tanto mais que ele tivera já vários amigos austríacos, nomeadamente o barão Reischach, coronel dos Panduros Imperiais, e o conde Esterhazy. Estes nomes afamados, que o desconhecido ali pronunciava com tão grande familiaridade, infundiram a Andreas a maior confiança. Ele, na verdade, conhecia esses grandes senhores apenas de nome ou, quando muito, de vista, já que pertencia à pequena nobreza.

Assegurando-lhe o desconhecido que podia arranjar o que o cavalheiro estrangeiro desejava, e mesmo ali nas proximidades, Andreas não teve possibilidade de se esquivar. Já a caminho, perguntou, num tom casual, em que zona da cidade se encontravam e a resposta foi: em São Samuel. E a família, para casa de quem ele o estava a levar, era uma família de condes, uma família patricia, que, por acaso, podia ceder o quarto da filha mais velha, uma vez que ela não vivia em casa desde há algum tempo. Entretanto tinham chegado já a uma rua estreita, diante de um edifício alto, uma casa de linhas nobres, de facto, mas que apresentava um aspecto muito degradado e as janelas tapadas com tábuas a substituir as vidraças. O mascarado bateu à porta principal e gritou por alguns nomes; lá em cima assomou uma velha à janela, olhou para baixo, perguntou o que ele queria e logo se puseram a falar um com o outro muito depressa. Parecia que o próprio conde tinha já saído, disse o mascarado a Andreas. «Ele sai sempre assim muito cedo para comprar o que é necessário para a cozinha.» Mas a condessa estava em casa, pelo que era possível negociar com ela o aluguer do quarto e, ao mesmo tempo, enviar alguém para ir buscar a bagagem que ficara no cais.

Alguém abriu o ferrolho da porta e os dois entraram num pátio muito estreito, cheio de roupa pendurada a secar, e subiram por uma escada exterior íngreme, cujos degraus estavam tão gastos que faziam uma cova a meio. A casa não agradou a Andreas. Causou-lhe ainda estranheza o facto de o senhor

conde sair assim de manhã tão cedo para fazer as compras para a cozinha. Porém, uma vez que era o amigo dos senhores de Reischach e de Esterhazy quem o apresentava, tudo parecia cobrir-se de um vivo resplendor que não deixava transparecer o menor vestígio de desolação.

A escada ia dar, lá em cima, a um quarto bastante espaçoso, tendo o fogão de aquecimento numa das extremidades e na outra, devidamente separada, uma alcova. Junto à única janela do quarto estava sentada numa cadeira baixa uma menina, ainda muito novinha, e uma mulher, já não muito nova mas de feições ainda belas, ocupava-se em armar o bonito cabelo da menina num elaborado penteado artístico. Quando Andreas e o seu guia entraram no quarto e tiraram o chapéu num cumprimento, a menina levantou-se em altos gritos e foi esconder-se no quarto ao lado, deixando Andreas entrever dela apenas um rostinho magro adornado de umas sobrancelhas escuras de traçado encantador. Entretanto, o acompanhante de Andreas, tirada já a mascarilha, dirigiu-se à senhora condessa, que tratou por prima, e apresentou-lhe o seu jovem amigo e protegido.

Seguiu-se uma breve troca de palavras, a dama propôs um preço para o quarto e Andreas aceitou-o sem hesitações. Ele teria gostado de saber mais pormenores, de saber se se tratava de um quarto a dar para a rua ou, pelo contrário, de um quarto a dar para o pátio interior, porque passar o seu tempo em Veneza num quarto sem vistas lhe parecia desolador. Teria ainda gostado de apurar se aquele local era no centro da cidade ou num subúrbio. Não teve, porém, oportunidade de fazer essas perguntas, uma vez que a conversa entre as duas outras personagens continuava animada e a criaturinha que se havia escondido no outro quarto abria e fechava agora a porta e gritava lá de dentro com todas as suas forças que «alguém tinha de ir imediatamente tirar o Zorzi da cama, porque ele estava deitado lá em cima com as suas dores de estômago».

Foi-lhes então dito que podiam ir já subindo; os rapazes encarregar-se-iam de tirar da cama aquele inútil. A condessa pediu ainda que a desculpassem por não ser ela própria a acompanhar o cavalheiro e por encarregar disso o primo, mas estava cheia de afazeres, uma vez que tinha de vestir a Zustina para irem ambas fazer as visitas por causa da lotaria. Nesse mesmo dia tinham ainda de ser visitados todos os patrocinadores que constavam da lista.

Andreas teria, mais uma vez, gostado de se inteirar sobre a natureza desses patrocinadores e dessa lotaria; no entanto, como o seu mentor, ao fazer vivos acenos de aprovação, dava mostras de estar ao corrente do assunto, não achou oportuna a ocasião para perguntas. Atrás dos dois rapazotes, ainda adolescentes, que deviam ser irmãos gémeos, subiram a íngreme escada de madeira que levava ao quarto da menina Nina.

Os rapazes detiveram-se em frente da porta e, ao ouvir um gemido abafado que vinha do interior do quarto, olharam um para o outro com os seus olhinhos vivos de esquilo e deram mostras de grande satisfação. Na cama, que tinha as cortinas afastadas, estava deitado um rapaz novo, muito pálido. — «Estás melhor?», perguntaram os rapazitos. — «Estou», gemeu o enfermo. — «Então, podemos tirar a pedra?» — «Sim, já podem retirá-la.» — «Quando ele tem dores de estômago, tem de se lhe pôr a pedra em cima do estômago e ele fica logo bom», explicou um dos gémeos a Andreas, que observava, espantado, como eles faziam rodar a pedra para a retirarem de cima do estômago do enfermo, operação para que mal chegavam as suas forças conjugadas, tratando-se de uma pedra como aquelas que os pintores usam para triturar os seus pigmentos.

Andreas achou odioso arrancarem assim um enfermo da cama por sua causa. Dirigiu-se para a janela e abriu totalmente a portada que estava meio-fechada. Lá em baixo corria a água e leves ondas douradas pelo sol iam desfazer-se de en-